

Leandro Santanna dá vida a Zé Ketti nos palcos

PÁGINA 6



Romeno Radu Jude leva vampiro caricato a Locarno

PÁGINA 12



Temos chocolate quente para aquecer paladares

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



MARINA SENA



BIQUINI



JOÃO GOMES



ALCEU VALENÇA



PARALAMAS



GLÓRIA GROOVE



ZÉ RAMALHO



DUDA BEAT



CPM22

NOITES QUENTES NA MARINA

Começa neste fim de semana a primeira parte do Enel Festival de Inverno Rio

Por Affonso Nunes

O Enel Festival de Inverno Rio celebra sua oitava edição com uma programação que promete marcar a história do evento. Pela primeira vez, nomes como Caetano Veloso, Paulinho da Viola, Zé Ramalho, Glória Groove e João Gomes integram o line-up do festival, que acontecerá nos dias 11, 12 e 13 de julho e 1, 2 e 3 de agosto na Marina da Glória. A novidade desta

edição é justamente a ampliação do calendário, que agora se estende por dois períodos distintos, oferecendo mais opções para o público carioca e turistas que visitam a cidade durante o inverno.

Neste primeiro fim de semana, a programação reúne Glória Groove, Duda Beat e Marina Sena (sexta, 11); João Gomes, Alceu Valença e Zé Ramalho (sábado, 12); e Biquini, CPM22, Charlie Brown Jr e Paralamas do Sucesso (domingo, 13).

“Será uma edição histórica do festival tanto para os cariocas quanto para os turistas, que agora terão a opção de curtir o evento em julho e também em agosto. Nosso line-up tem como característica a diversidade e terá grandes estreias como as de Caetano Veloso, Paulinho da Viola, João Gomes, Glória Groove, entre outros nomes incríveis da nossa música”, afirma Peck Mecnas, diretor da PECK e idealizador do festival.

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO 2025
Marina da Glória
(Av. Infante Dom Henrique, s/nº)
De 11 a 13/7, a partir das 19h
Ingressos a partir de R\$ 160 (pista) e R\$ 320 (lounge)

Tom Zé chuta a mesmice

O último dos tropicalistas volta ao Circo Voador em show que revisita sua obra ousada e singular

Por **Affonso Nunes**

Baiano de Irará, o cantor e compositor Tom Zé pode ser considerado o último dos tropicalistas. Surgiu para a cena musical brasileira ao lado dos contrarêneos Caetano Veloso, Gal Costa (1945-2022), Gilberto Gil e Wally Salomão (1943-2003); do letrista piauiense Torquato Neto (1944-1972) e dos paulistas do trio Mutantes. Do alto de seus 88 anos e de extensa discografia, o artista vive em constante renovação. Neste sábado (12), ele apresenta no palco do Circo Voador

show em que passeia por clássicos de quase 60 anos de estrada.

Do alto de seus 88 anos, o artista é sinônimo de talento, um talento moldado pela ousadia e criatividade. Ele segue experimentando linguagens, estéticas e poéticas numa discografia expressiva.

Mas houve um tempo que o tropicalista esteve ofuscado e foi redescoberto pelas novas gerações graças a um acaso do destino. Depois de passar as décadas de 1970 e 1980 trabalhando seu pop experimental em álbuns herméticos e concenuais que não atraíam a atenção do grande público, foi “descoberto” pelo músico David Byrne (ex-Talking Heads) que, visita ao Rio, comprou num sebo um desses trabalhos - o álbum “Estudando o Samba” (1970). O estadunidense viu no baiano um artista de vanguarda e lançou sua obra nos Estados Unidos, com grande sucesso de crítica.

Lentamente sua carreira foi se recuperando aqui e lá fora. Hoje, Tom Zé é aclamadíssimo por onde se apresenta.



SERVIÇO

TOM ZÉ
Circo Voador
(Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
12/7, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Mais um renascimento do Azymuth

O Azymuth sobe ao palco do Blue Note Rio neste sábado (12) numa apresentação que celebra os 50 anos de seu álbum de estreia e representa o renascimento de uma das mais influentes bandas da música brasileira, que encontra forças para seguir adiante após perder pela segunda vez um de seus membros fundadores. A morte do baterista Ivan “Mamão” Conti, em 2023, abalou o grupo, mas reacendeu a determinação de Alex Malheiros, baixista e último remanescente da formação original, de manter vivo o legado do grupo conhecido por sua fusão inovadora de ritmos brasileiros e improvisações jazzísticas.

Neste show especial, o Azymuth irá lembrar os grandes sucessos de sua trajetória, incluindo faixas icônicas como “Linha do

Grupo celebra 50 anos do primeiro álbum em show que marca nova fase após morte de Ivan “Mamão” Conti

Horizonte”, “Melô da Cuíca”, “Partido Alto”, “Voo sobre o Horizonte” e “Jazz Carnival”, além de apresentar temas do álbum “Marca Passo”, lançado em abril, e algumas surpresas.

A trajetória do Azymuth sempre foi marcada pela capacidade de se reinventar diante das adversidades. Quando José Roberto Bertrami, tecladista original, morreu em 2012, Ivan e Alex não hesitaram em dar continui-

Divulgação



Renato Massa, Alex Malheiros e Kiko Continentino, a atual formação do Azymuth

dade ao projeto. Convidaram Kiko Continentino para integrar a formação e gravaram “Fênix”, álbum de 2016 que simbolizou essa primeira ressurreição. Agora, com a partida de Mamão, Malheiros se viu novamente

diante do desafio de preservar a essência do grupo.

“Azymuth significa ‘caminho’ em árabe antigo, e nosso caminho deve seguir em frente”, explica Malheiros, que manteve amizade com Ivan por mais de meio século. Para assumir a complexa tarefa de substituir Mamão, o Azymuth convidou Renato Massa, baterista respeitado no cenário nacional por suas colaborações com Marcos Valle, Eumir Deodato e Ed Motta. Massa, que era próximo tanto de Ivan quanto dos demais integrantes.

O Azymuth redefiniu os limites da música instrumental brasileira e conquistou reconhecimento internacional. Desde os tempos em que acompanhavam Roberto Carlos até se tornarem referência mundial no jazz-funk, os integrantes sempre souberam adaptar-se às mudanças impostas pelo tempo sem perder seu DNA artístico. (A. N.)

SERVIÇO

AZYMUTH

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 12/7, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

Artistas unidos

por Angela Ro Ro

Elisa Addor comanda homenagem musical à compositora que enfrenta dificuldades de saúde e financeiras

Por **Affonso Nunes**

O Teatro Rival Petrobras recebe neste sábado (12) uma homenagem especial a uma das vozes mais autênticas da música popular brasileira. Angela Ro Ro, compositora de sucessos gravados por Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso e Ney Matogrosso, será celebrada no show beneficente “Fogueira”, que reunirá diversos artistas em torno de seu repertório.

A apresentação será comandada pela cantora Elisa Addor, acompanhada por Simone Mazzer, Isabella Taviani, Laura Castro, Caio Prado e Marcos Sacramento. O grupo revisitará canções que marcaram a trajetória da artista carioca, conhecida por sua poesia visceral que transita entre o amor, a dor e a resistência. “É uma alegria fazer esse show cantando o repertório dessa grande artista, cantora e compositora que é a Ro Ro. Adoro o trabalho dela! Estou aqui torcendo para que se recupere rapidamente e volte logo aos palcos”, declara Elisa Addor.

A iniciativa surge em momento delicado da vida de Angela Ro Ro, que enfrenta problemas de saúde e dificuldades financeiras. Ela está internada há três semanas. Parte da renda do espetáculo será revertida para a artista, numa demonstração



Laura Castro (E) e Elisa Addor comandam a homenagem musical à compositora que enfrenta dificuldades de saúde e financeiras

Carolina Spork/Divulgação

André Hawk/Divulgação



Caio Prado

Divulgação



Simone Mazzer

Divulgação



Marcos Sacramento

de solidariedade do meio musical. O repertório incluirá clássicos como “Amor, Meu Grande Amor”, “Gota de Sangue”, “Balada da Arrasada”, “Tola Foi Você” e “Só Nos Resta Viver”, além de sucessos que ela eternizou em sua voz, como “Escândalo”, de Caetano Veloso, e “Bárbara”, de Chico Buarque.

A diversidade musical que caracteriza o trabalho de Ro Ro estará presente no show, que passeia pelo blues, jazz, samba-canção, balada romântica e MPB tradicional. Seu

estilo inconfundível, marcado pela mistura de lirismo e deboche, conquistou gerações e influencia artistas até hoje. A apresentação contará com acompanhamento da pianista e diretora musical Cristina Bhering, da baterista Geórgia Câmara e da baixista Luciana Requião.

Laura Castro, idealizadora do projeto e responsável pelo roteiro e direção, contextualiza a importância da homenagem. “Esta é uma grande homenagem a essa mulher que é uma das maiores cantoras e

compositoras da MPB. A fragilidade em que se encontra hoje evidencia o quanto falhamos com nossos artistas. Angela Ro Ro deveria ser reconhecida como patrimônio cultural do Brasil e ter sua vida e sua saúde cuidadas”, afirma a artista.

O espetáculo será entremeado por frases marcantes da trajetória de Ro Ro, trazendo ao palco fragmentos de sua história e de seu humor afiado. A produção fica a cargo da Queerioca, primeiro centro cultural LGBTQIAPN+ do Rio de

Thais Monteiro/Divulgação



Isabella Taviani

Janeiro, o que adiciona significado especial à homenagem. “Enquanto artista lésbica, tenho ainda um orgulho especial por ela, que sempre foi espelho de coragem e nunca se escondeu. Ela é um ícone”, destaca Laura Castro.

Isabella Taviani ressalta a importância do reconhecimento à compositora neste momento. “Ro Ro é uma daquelas compositoras viscerais que escrevem ‘arriscando tudo’. Nunca teve medo de ser quem é, nem tentou apagar essa fogueira. Cresci admirando sua coragem, sua voz e suas canções quentes. E é muito importante, neste momento tão difícil, podermos reconhecer tudo isso. Este show é nossa forma de gratidão. Que muitos outros eventos como este aconteçam. Angela precisa e merece”, comenta.

A carreira de Angela Ro Ro, iniciada nos anos 1970, consolidou-se como uma das mais originais da MPB. Suas composições revelam uma poetisa urbana que soube captar as contradições e paixões da vida, da própria artista e de todos nós.

SERVIÇO

FOGUEIRA - HOMENAGEM A ANGELA RO RO

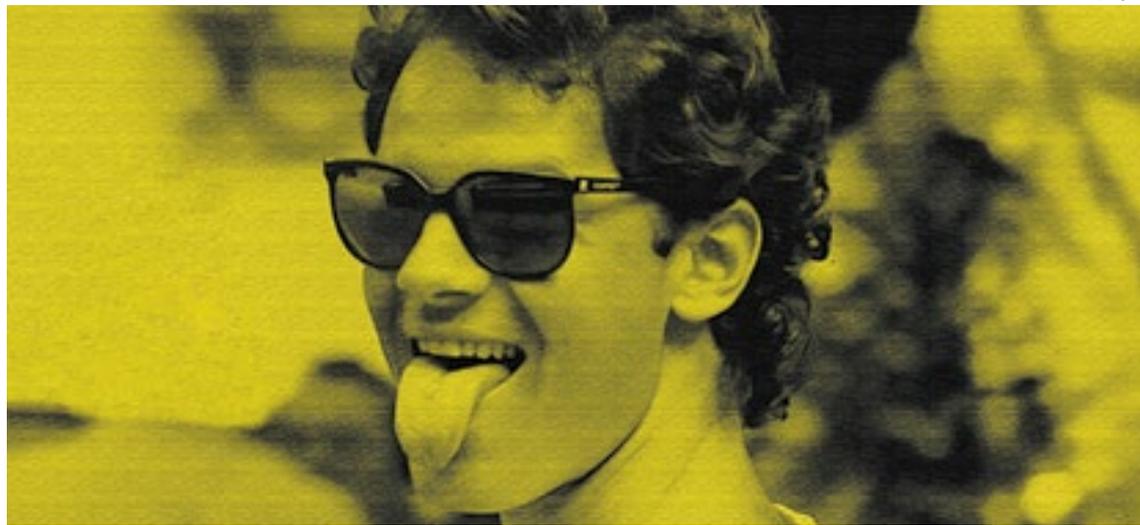
Teatro Rival Petrobras (Ruas Álvaro Alvi., 33 - Cinelândia)

12/7, às 19h30

Ingressos entre R\$ 50 a R\$ 120



George Israel



Fotos/Divulgação



Guto Goffi

Cazuza vive... Viva Cazuza!



Ney Matogrosso

Por **Afonso Nunes**

O Circo Voador recebe na sexta-feira (11) uma homenagem especial a Cazuza, um dos maiores poetas da música brasileira. O show “Viva Cazuza!”, resultado de parceria inédita entre a Rolling Stone e o tradicional casa da Lapa, reúne os Cajueiros ao lado de Ney Matogrosso e Sandra Sá nos 35 anos da morte do artista. Parte da renda será revertida para a Sociedade Viva Cazuza, organização que perpetua o trabalho assistencial iniciado pela mãe do artista, Lucinha Araújo.

Grupo formado por George

Israel (sax/voz), Guto Goffi (bateria/percussão/voz), Arnaldo Brandão (guitarra/baixo/voz), Nilo Romero (baixo/guitarra/voz) e Luce Diolivera (voz/guitarra), convocaram o tecladista Léo Israel para este encontro especial. O quinteto, composto por músicos que trabalharam diretamente com Cazuza, promete uma noite especial em torno tanto dos clássicos consagrados quanto pérolas menos conhecidas do repertório do artista.

“A proposta dos Cajueiros é promover um encontro divertido dos parceiros do Cazuza. Mostrar ao público clássicos, como ‘Brasil’, ‘O Tempo Não Para’ e ‘Ideologia’, mas também canções menos co-

Show beneficente no Circo Voador marca os 35 anos da morte do poeta. Banda formada por músicos que tocaram com Cazuza recebe Ney Matogrosso e Sandra Sá como convidados

Priscila Liana/Divulgação



Arnaldo Brandão



Sandra Sá

nhecidas, porém não menos belas, como ‘Bilhetinho Azul’”, explica Guto Goffi, fundador do Barão Vermelho, a banda que revelou Cazuza.

Para George Israel, parceiro frequente do compositor, Cazuza transcende qualquer classificação temporal ou estilística. “Independente da cena em que surgiu, Cazuza foi um dos maiores poetas do Brasil. As coisas que ele dizia não eram datadas. Caju ia do festeiro, debochado e divertido ao mais tímido e tranquilo - porém ‘não menos genial’ - dos homens. Era a soma da poesia, da banda da qual ele fez parte, a Barão Vermelho, e da personalidade corajosa de ser aberto e dizer tudo. Cazuza era

o cara mesmo!”, diz.

Os convidados Ney Matogrosso e Sandra Sá foram artistas próximos ao poeta ao longo de sua curta (e brilhante carreira).

Espaço que se consolidou como um dos principais centros de difusão da música brasileira alternativa nas décadas de 1980 e 1990, o Circo Voador mantém conexão histórica com a história de Cazuza e do rock brasileiro.

SERVIÇO VIVA CAZUZA!

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

11/7, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos esgotados

Hora de olhar o caminho percorrido

Catto repassa 15 anos de carreira em duas noites intimistas no palco do Manouche



SERVIÇO

CATTO - ESTRELA SOLITÁRIA
Manouche
(Rua Jardim Botânico, 983)
11 e 12/7, às 21h | R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, com doação de 1kg de alimento não perecível)

Divulgação

e homenageia Gal Costa. O show também apresenta músicas de “Caminhos Selvagens”, seu quinto álbum de estúdio lançado este ano, que marca seu retorno ao trabalho autoral após sete anos.

Catto construiu uma carreira sólida desde seu EP de estreia “Saga”, em 2009. Sua música transita entre MPB, pop romântico e rock alternativo, caracterizada por letras introspectivas e interpretações marcantes. A discografia inclui os álbuns “Fôlego” (2011) e “Catto” (2017), além de diversos registros ao vivo e colaborações com nomes como Marina Lima, Ney Matogrosso, Zélia Duncan e a banda Fresno.

Além da música, Catto consolidou-se como uma figura importante na representatividade LGBTQIA+, utilizando sua arte para questionar normas estabelecidas e celebrar a diversidade. Sua voz já serviu como trilha sonora para produções televisivas da Rede Globo e cinema.

“Caminhos Selvagens”, lançado em 2024, marca o retorno de Catto ao trabalho completamente autoral. Escrito integralmente pela cantora, o álbum também representa sua segunda experiência como produtora, função que divide com os colaboradores Fabio Pinczowski e Jojo Inácio.

Por **Affonso Nunes**

A cantora e compositora Catto retorna ao palco do Manouche nesta sexta e sábado (11 e 12) para apresentar seu novo espetáculo “Estrela Solitária”, um show intimista

que celebra seus 15 anos de carreira musical. Acompanhada por Fabio Pinczowski (violões, guitarra e teclados), a artista gaúcha promete um passeio por diferentes fases de sua trajetória, incluindo sucessos que marcaram sua presença na televisão e can-

ções de seu mais recente trabalho autoral.

O repertório contempla desde as primeiras composições que a projetaram nacionalmente, como “Saga” e “Adoração”, até faixas do aclamado “Belezas são Coisas Acesas por Dentro”, disco de 2023 no qual reinterpreta

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Yves Lohan/Divulgação



Ícone do samba

Ícone do samba, o cantor e compositor Jorge Aragão traz para o palco do Vivo Rio, neste sábado (12), às 21h, o show “50 Anos de Poesia”. Considerado um de nossos autores mais populares, o artista revisitará sucessos que embalaram gerações, como “Eu e Você Sempre”, “Lucidez”, “Moleque Atrevido”, “Alvará”, “Malandro”, “Vou Festejar”, “Enredo do Meu Samba”, “Coisa de Pele” e “Do Fundo do Nosso Quintal”.

Divulgação



Feijão e samba

A tradicional Feijoada do Rival Petrobbras acontece neste domingo (13), das 13h às 17h30, com show de Ito Melodia (foto). O cinco vezes vencedor do Estandarte de Ouro como Melhor Puxador celebra seu aniversário cantando clássicos do samba, composições próprias e sambas-enredo históricos. O evento conta com participações especiais de Agenor Neto, Dinny da Vila, Deco e Fabinho do Grupo Pirraça.

Luiz Contreira/Divulgação



Violão virtuoso

O violonista e compositor carioca Vicente Paschoal apresenta o recital “Diálogos” nesta sexta (11), às 19h, no Espaço Cultural BNDES. O programa estabelece conexões entre suas composições e suas principais influências. Reconhecido por seu trabalho na música de concerto e no cancionário popular, Paschoal desenvolve obra que combina delicadeza poética com rigor formal e técnica violonística desafiadora. Grátis.

Divulgação



Jazz & blues

A 4ª edição do Festival Internacional de Jazz & Blues de Macaé acontece de sexta a domingo (11 a 13), com entrada gratuita no Beco das Artes, Praia do Pecado. O evento reúne artistas do Brasil, Estados Unidos, Coreia do Sul e Honduras. Destaque para o espetáculo “A Voz dos Sem Voz”, tributo a Mercedes Sosa apresentada por Indiana Nomma (foto). A programação abrange jazz, blues, soul, R&B, MPB e bossa nova.

ENTREVISTA / LEANDRO SANTANNA, ATOR, DIRETOR E GESTOR CULTURAL

'Eu me interesso por artistas que transbordam'

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A trajetória de Leandro Santana é uma das mais inspiradoras do teatro contemporâneo brasileiro. Ator, diretor, gestor e militante cultural, ele consolidou-se como uma voz firme na luta pela valorização da presença preta nos palcos. Com uma carreira que mescla sensibilidade artística e engajamento político, Leandro foi indicado ao Prêmio Shell de Teatro, reconhecimento máximo da cena nacional, e também integrou o júri da premiação — um duplo testemunho de sua relevância para o setor. Além disso, sua passagem como Secretário de Cultura de Queimados, na Baixada Fluminense, demonstrou seu compromisso em ampliar o acesso às artes e à produção cultural em territórios historicamente marginalizados.

No palco, Leandro sempre entendeu que seu corpo negro tem potência simbólica. Por isso, fez de sua presença cênica uma afirmação política e poética, abrindo espaço para outras vozes e narrativas negras. Ao longo dos anos, ele encarnou personagens que revelam as camadas mais profundas da vivência afro-brasileira, trazendo à tona histórias muitas vezes silenciadas pelo cânone teatral tradicional. Sua atuação é reconhecida pela entrega intensa, pelo rigor estético e por um senso ético que conecta arte e sociedade de forma viva.

É nesse contexto que surge sua nova empreitada: dar vida a Zé Ketti, figura essencial da cultura popular brasileira. Símbolo



Caio Cezar/Divulgação

do samba e da resistência, Ketti é também um ícone de identidade, orgulho e ancestralidade. Leandro mergulha nesse papel com afeto e pesquisa, costurando a trajetória do compositor com a sua própria experiência enquanto artista negro. O espetáculo não se limita a uma biografia musical; é um gesto de reaproximação com a memória cultural do país, um convite à reflexão sobre quem conta as histórias do Brasil e a quem elas pertencem.

Nesta entrevista, conversamos com Leandro sobre o processo de criação do personagem, os desafios de representar Zé Ketti em Zé Ketti, Eu Quero Matar a Saudade e os caminhos que ele tem trilhado para ampliar a presença negra nas artes

cênicas. Falamos também sobre a importância da representatividade nos palcos, o impacto do teatro como instrumento de transformação social e os projetos futuros que continuam a alimentar seu compromisso com a cultura preta. Uma conversa necessária, potente — e profundamente inspiradora.

O que te inspirou a criar a peça sobre Zé Ketti?

Leandro Santana - Há tempos dedico minhas produções à valorização de personalidades negras da nossa arte, que, no meu entendimento, ainda recebem menos destaque do que deveriam. Eu e Marcelo Viégas começamos a escrever projetos sobre nossas referências,

e o Zé Ketti sempre me inspirou. Ele se reinventava, jogava nas 11, compôs obras-primas, dirigiu o Zi-Cartola, criou projetos de lei para valorizar músicos e sempre lançava ideias coletivas. Eu me interesso por artistas que transbordam.

Qual a importância de Zé Ketti para a cultura brasileira e para você pessoalmente?

Zé Ketti é um símbolo de resistência, criatividade e coletividade. Ele representa uma era da música brasileira em que o samba era também uma forma de afirmação social e política. Para mim, ele é inspiração não só como artista, mas como cidadão ativo, que lutava por espaço, dignidade e cultura.

Como foi o processo de pesquisa e construção dramática da peça?

Márcio Vieira foi o maestro desse processo, juntando minha ideia, o projeto do Viégas, o texto do Cadú e um elenco incrível. A gente se reuniu pra pesquisar, ouvir a Geisa Ketti, e cada um trouxe uma peça fundamental. Fernanda Sabô, NegaWal e Clarissa Waldeck mergulharam na pesquisa musical. E a Beà chegou com uma direção musical maravilhosa que deu brilho ao espetáculo.

Quais foram os maiores desafios durante a criação do espetáculo?

O maior desafio foi traduzir a complexidade do Zé Ketti em cena sem simplificá-lo. Ele foi muito mais do que um sambista — foi pensador, criador de projetos, articulador cultural. Construir essa narrativa plural e ainda manter leveza e musicalidade foi um grande equilíbrio a ser alcançado.

Que sentimento você espera que o público leve após assistir à peça?

As pessoas saem emocionadas, com um sentimento nostálgico e bom, lembrando dos bailes de carnaval e de uma era da música onde as harmonias tinham peso. É comum ver gente cantarolando as obras imortais do poeta carioca ao sair do teatro, e isso é muito gratificante.

O que mais te surpreendeu durante esse processo?

A força coletiva. O quanto cada pessoa envolvida trouxe algo essencial. E o quanto a memória do Zé Ketti, mesmo para quem não viveu a época, ainda desperta afeto, respeito e identidade.

SERVIÇO

ZÉ KETTI, EU QUERO MATAR A SAUDADE!

Teatro Municipal Ziembinski (Av. Heitor Beltrão s/nº - Tijuca) Até 30/7, às terças e quartas-feiras (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / DJAVAN - O MUSICAL: VIDAS PARA CONTAR

Teatro é dom, desejo e sina

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“Djavan – O Musical: Vidas Para Contar”, idealizado por Gustavo Nunes, une música, corpo e emoção ampliada pela direção artística de João Fonseca. O cenário de casarão com janelas, de André Cortez, é metáfora potente que conduz as vidas para contar: cada abertura revela passagens emocionais e transições em que

o mundo que se abre para Djavan.

O espetáculo é visualmente limpo, com os sentidos construídos nessa estética. Os figurinos de excelente Karen Brusttolin fogem do óbvio, trajes cotidianos que marcam a personalidade dos personagens. A direção de movimento de Márcia Rubin, a iluminação de Daniela Sanchez e o ótimo visagismo de Sidnei Oliveira são elementos que destacam as ações no palco.

O elenco canta com excelência e sensibilidade. Raphael Elias interpreta Djavan com afeto e voz envolvente. As recriações de Gal, Bethânia, Caetano e Chico trazem humor e memória afetiva, sem serem caricaturas. Gestos e timbres bastam para o reconhecimento imediato. O texto, de Patricia Andrade e Rodrigo França, trata essas presenças como uma adição a Djavan.

Milton Filho, brilha como Elegbara, o senhor dos poderes dos caminhos criativos. Sua atuação combina leveza e profundidade, quando canta à capela, dança com presença cênica marcante, simbolizando a força, transformação e guia interior. O fi-

Divulgação



Raphael Elias dá vida a Djavan no musical

gurino roxo, o casquete da ancestralidade dão ao personagem a figura de um Merlin, regendo a vida do herói.

A direção musical de João Viana e Fernando Nunes, aliada aos arranjos e preparação vocal de Jules Vandystadt e ao som de João Paulo Pereira, sustenta musicalmente o espetáculo com beleza. No segundo ato, os grandes sucessos de Djavan emocionam o público, em narrativa de um outro momento do artista. O elenco – Raphael Elias, Milton Filho, Walerie Gondim, Aline Deluna, Alexandre Mitre, Douglas Netto, Eline Porto, Ester Freitas, Erika Affonso, Gab Lara, Marcela Rodrigues e Tom Karabachian – entrega uma obra viva e delicada.

SERVIÇO

DJAVAN - O MUSICAL: VIDAS PARA CONTAR

Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3900 - Barra da Tijuca)

Até 20/7, quintas e sextas (20h) e sábados e domingos (16h)

Ingressos entre R\$ 42 e R\$ 21 (meia) e R\$ 300 e R\$ 150 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Wamderley Gomes/Divulgação



Da fama à decadência

Nina de Pádua interpreta Bette Davis no solo “O Diabo em Mrs. Davis”, que estreia no Espaço Provocações, BarraPoint Shopping. O espetáculo, com conceito de Anselmo Vasconcellos e texto de Jau Sant’Angelo, retrata a lenda do cinema americano em confronto com a decadência e solidão. A montagem explora os bastidores de uma estrela hollywoodiana, equilibrando humor, dor e ironia. Figurino de Wanderley Gomes traduz o glamour e a ruína de Hollywood, contrastando imagem pública e intimidade da personagem.

Hugo Tolipan/Divulgação



Impactos do tempo

O Teatro Correios Léa Garcia apresenta “Têmpora” nesta sexta e sábado (11 e 12), às 19h, com entrada gratuita. A dramaturgia de Simone Kalil acompanha três irmãos que enfrentam o Alzheimer da mãe e um parto de 24 horas, conduzidos pela figura do Orixá Iroko. O espetáculo explora relações familiares, ancestralidade e os impactos do tempo na vida contemporânea. No elenco, Diogo Nunes, Jefferson Almeida, Jéssica Freitas, Perola Acioly. Haverá tradução em Libras e bate-papo sobre saúde mental após as sessões.

Lê Felipe/Divulgação



Trauma e superação

A Cia Atores da Fábrica apresenta “In-Sônias” no Teatro Municipal Gonzaguinha nesta sexta e sábado (11 e 12), às 19h. O espetáculo retrata a jornada de Sônia, interpretada por quatro atrizes, que busca romper o silêncio sobre abuso infantil em um espaço desconhecido. Baseada em relatos reais, a montagem explora trauma e superação através de narrativa poética e metafórica. A protagonista enfrenta a pressão do tempo enquanto procura alguém que acolha seu segredo. Direção de Alessandra Fernandes.

SHOW**LÉO JAIME**

*Acompando pelo multi-instrumentista Gui Schwab, o talentoso cantor e compositor apresenta o show “#Desplugado” com novas versões para sucessos como “Amor”, “Fotografia”, “Preciso Dizer Que Te Amo”, “Gatinha Manhosa” e “Mensagem de Amor”. Sex (11), às 20h e 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 165

RIOHARP FESTIVAL

*A harpista austríaca Edith Gasteiger é uma das atrações do festival dedicado ao milenar instrumento. Sex (11), às 17h, e sáb (12), às 15h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

DAÍRA CANTA BELCHIOR

*Cantora apresenta o show “Amar e Mudar as Coisas”, um tributo ao bardo cearense com versões de sucessos eternos como “Coração Selvagem”, “Divina Comédia Humana”, “Alucinação” e “Como Nossos Pais”. Dom (13), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

RAPHAELA SOUZA

*A cantora homenageia Marina e Marisa Monte em seu novo show. Sex (11), às 19h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R\$ 30

ORQUESTRA PETROBRAS SINFÔNICA

*Sob a regência de Sammy Fuks e Tomaz Soares, a Academia Juvenil da orquestra executa obras de Villa-Lobos, Piazzolla, Ennio Morricone e Dimitri Cervo, entre outros. Sáb (12), às 11h. Salão Leopoldo Miguez (Escola de Música da UFRJ - Rua do Passeio, 98 - Centro). Grátis

ROCK BEATS

*A banda apresenta, pela primeira vez no Rio, o show “Beatles Acústico”, uma das lives mais assistidas no canal da banda no YouTube. Sex (11), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 80 e R\$ 180.

PIMENTA JAZZ TRIO

*O grupo liderado pelo violinista Guilherme Pimenta revisita os principais temas de seus quatro álbuns. Sex (11), às 14h. Sesc Duque de Caxias - Rua General Argolo, 47, Centro). Grátis

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Dalton Valério/Divulgação



Irmãs

TEATRO**A BALEIA**

*José de Abreu retorna ao teatro estrelando esta montagem brasileira do texto de Samuel Hunter, que ganhou uma adaptação cinematográfica que deu um Oscar a Brandon Fraser. Até 20/7, qui a sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 25 e R\$ 160

BOY

*O ator Gil Hernández vive um garoto de programa em seu primeiro solo. Até 27/7, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Municipal Café Pequeno ((Av. Ataulfo de Paiva 269, Leblon). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

SOLIDÃO DE CAIO F.

*Com direção e dramaturgia assinadas por Alexandre Mello, o espetáculo baseia-se em dois contos do escritor gaúcho, vítima da Aids nos anos 1990. Até 27/7, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glaucê Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

IRMÃS

*Em sua terceira montagem teatral, os integrantes da Brunzuncompany adaptam o clássico “Três Irmãs”, do russo Anton Tchekhov, a um contexto contemporâneo e afrodiaspórico. Até 20/7, qui a sáb (20h) e dom (18h). Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

A LUA VEM DA ÁSIA

*Um mergulho de Chico Dias no universo de Campos de Carvalho, mestre do surrealismo à brasileira. Até 31/8, sáb (20h30) e dom (19h30). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º andar). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Divulgação



Edith Gasteiger

PRIMA FACIE

*Montado em diversos países, o monólogo toca em feridas profundas do sistema de justiça — especialmente quando a vítima é mulher. Atuação brilhante de Débora Falabella. Até 20/7, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). Entre R\$ 19,80 (meia) a R\$ 150

EXPOSIÇÃO**DEIXA FALAR**

*O fotógrafo Rogério Reis retoma sua série de imagens em P&B sobre o carnaval de rua. Até 18/7, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

ANCESTRAL: AFRO-AMÉRICAS

*Mostra reúne obras de artistas africanos, brasileiros e dos EUA. Até 12/8, qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

NOTÍCIAS DO BRASIL

*As obras apresentam um Brasil popular, por imagens que registram o dia a dia de seus habitantes. Até 30/8, ter a dom (10h às 20h). Sesc Tijuca (R. Barão de Mesquita, 539). Grátis

PAISAGENS E PESSOAS

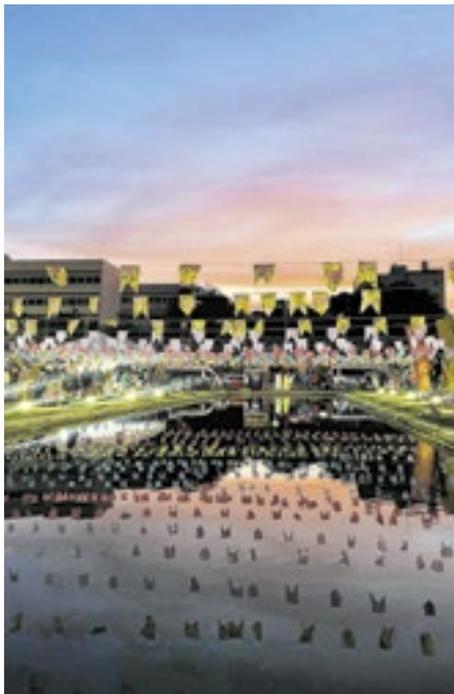
*Imagens que retratam a chegada de Jean-Baptiste Debret ao Rio: paisagens, representações da indumentária, comida, trabalho e vida social no século XIX. Até 29/9, de qua a seg. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

Divulgação



Léo Jaime

Divulgação



Carioquíssima na Roça

Divulgação



Daíra

Divulgação



Pimenta Jazz Trio

HÃMXOP TUT XOP

*Exposição inédita na cidade apresenta os trabalhos do artesão e cultura do povo Maxakali, a única etnia indígena de Minas Gerais que preserva integralmente sua língua ancestral, a partir da fibra da embaúba, árvore ameaçada de extinção. Até 28/9, ter a sex (10h às 18h) sáb, dom e fer (11h às 17h) Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

INFANTIL**JORNADA DO PEQUENO PRÍNCIPE**

*Mostra imersiva no universo do escritor francês Antoine Saint-Exupéry e seu mais célebre personagem. Até 22/8, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Parque Estadual (Av. Presidente Vargas, 1261, Centro). Grátis, com retirada de ingressos online via Sympyla

MODELANDO CAMINHOS

*Adultos e crianças são convidados a refletir e criar, por meio da modelagem, formas simbólicas de pés e calçados, representando suas próprias histórias e ancestralidades coletivas. Até 1/9. Sáb e fer (15h e 17h), Dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

COSTURANDO HISTÓRIAS

*Apresentação dos contos africanos “Por que os mosquitos zunem nos ouvidos da gente” e “Por que os crocodilos não comem as galinhas” convidam o público para os tapetes-cenários interativos e para as fábulas tradicionais que sobrevivem ao tempo. Sáb e dom (12 e 13), às 14h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

EVENTO**CARIOQUÍSSIMA NA ROÇA**

*A tradicional feira promove sua edição junina com moda autoral e criativa, espaço kids com brincadeiras típicas para os pequenos, delícias da roça, shows e DJs. Sáb e dom (12 e 13), das 14h às 22h. Praça Gen. Tibúrcio, Urca. Grátis

ARRAIÁ ROCK 80

*Evento reúne bandas independentes homenageando clássicos dos anos 1980 e 90 no clima junino. Sáb e dom (12 e 13), das 12h às 22h. Boulevard do Porto Maravilha (antiga Av. Rodrigues Alves), na Zona Portuária. Grátis

A Europa é logo ali, nas telas

Produções do Velho Mundo ocupam espaço em circuito carioca, desfilando autoralidades

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Se Hollywood espera tomar o circuito exibidor mundial todinho pra si, ao voar planeta adentro com “Superman” de James Gunn, apoiado numa direção inegavelmente magistral, sua chance de trombar com uma ofensiva europeia de fôlego é alta... pelo menos nas telas do Brasil. Kal-El saiu dos quadrinhos e voltou trincadão de excelência no desempenho de David Corenswet, só que a leva de atrações do Velho Mundo hoje em cartaz no Rio de Janeiro oferece concorrência, pelas vias da elegância, à nova aventura do super-herói de Metrópolis.

A disputa fica quente em especial no terreno dos debates antisssexistas com a dramédia francesa “Três Amigas”, de Emmanuel Mouret, e a chegada da nova versão de “Emmanuelle”, dirigida por Audrey Diwan e estrelada por Noémie Merlant.

A adaptação para os anos 2020 de um clássico da prosa erótica, celebrado 41 atrás na forma de um fenômeno de bilheteria, chega ao Brasil esta semana, depois de brilhar no 1º Festival de Cinema Europeu Imovision - golaço de seu distribuidor, Jean Thomas Bernardini. Ganhadora do Leão de Ouro de Veneza de 2021 por “O Acontecimento”, Audrey, que também é escritora e roteirista, repagina (e empodera) uma personagem essencial às tramas de representatividade do desejo feminino. Filme de abertura do Festival de San Sebastián, na Espanha, em setembro, “Emmanuelle” teve a sua primeira exibição pública em concurso pela Concha de Ouro, numa sessão inaugural em que deflagrou um debate sobre as buscas pelo prazer numa sociedade de radical vigilância. Na trama, uma inspetora de qualidade de uma cadeia mundial de hotéis viaja a Hong Kong para inspecionar um complexo hoteliro de luxo e, lá, esbalda-se em alcovas das mais liberais. A primeira toma-



Manuel Moutier/Divulgação



Divulgação

Noémie Merlant é a Emmanuelle do século 21



Agnette Brun/Divulgação

‘Dreams (Sex Love)’, ganhador do Urso de Ouro, puxa um bonde de atrações europeias em cartaz no Rio

da dela na fita é uma metonímia: um take das suas pernas.

“Buscava discutir a forma como a socie-



Divulgação

Indicado ao Globo de Ouro e premiado em Veneza, ‘Vermiglio’ comprova a vitalidade italiana no cinema

dade contemporânea lida com a busca pela satisfação”, disse a realizadora ao Correio na conferência de imprensa do filme, onde con-

fessou não ter visto por inteiro o “Emmanuelle” original. “Só vi 20 minutos. Entendi, logo de cara, que não faço parte do público que ele ambiciona encontrar. Eu tive mais interesse pelo livro (no qual se baseia), no impulso de trabalhar a linguagem cinematográfica do erotismo”.

Também da França nos chega “Pedaço De Mim” (“Mon Inséparable”), de Anne-Sophie Bailey, que fez parte do garimpo do Festival de Veneza. Na trama, Mona (Laure Calamy) vive em um pequeno apartamento com seu filho adulto Joël, que é PCD. Ele está perdidamente apaixonado por sua colega de trabalho Océane, também PCD. Mona desconhece o relacionamento dos dois. Quando Océane engravida, escolhas devem ser feitas.

O Reino Unido movimentou nossas salas com “Hot Milk”, lançamento da MUBI que valeu uma indicação ao Urso de Ouro para a dramaturga britânica Rebecca Lenkiewicz. Ambientado num suarento verão espanhol, esse drama acompanha a cruzada de uma enferma em estado grave, Rose (Fiona Shaw), a fim de dar cabo de sua doença, arrastando a filha, Sofia (Emma Mackey), numa jornada pela cidade de Almería onde recorre ao Dr. Gómez (Vincent Perez), curandeiro que pode ter a chave para sua misteriosa moléstia. Naquele ensolarado Éden ibérico, Sofia se liberta de suas inibições ao se encantar pelo magnetismo de Ingrid (Vicky Krieps), amazona que esbanja lascívia. Tem sessão da fita de hoje até terça no Estação Net Rio, às 20h45.

A Itália reforça esse bonde europeu com “Vermiglio”, ganhador do Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza. Seu ator de maior relevo nasceu na região de Vieste e se chama Tommaso Ragno. Ele encarna retidão no retrato que a realizadora Maura Delpero faz de um momento crítico da II Guerra, numa área alpina onde o conflito parecia distante. No papel do professor Cesare, Tommaso, no seu silêncio devastador, balizado pela melodia baixinha de uma música clássica no gramofone, parece sintetizar todo o espírito de introspecção de uma pátria em crise. Chegou da Noruega o vencedor do Urso de Ouro da última Berlinale: “Dreams (Sex Love)”, de Dag Johan Haugerud. Seu enredo faz uma ode à literatura ao narrar angústias da aspirante a Clarice Lipepector chamada Johanne (Ella Øverbye) no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha, que jamais a enxerga com desejo.

Falam alemão dois filmaços estrelados por divas germânicas hoje em nossas salas: “O Grande Golpe Do Leste”, com Sandra Hüller, e “Stella: Vítima e Culpada”, com Paula Beer.

Intocável na comédia, bom em séries como ‘Lupin’, o campeão de bilheteria francês, signo da luta antirracista, ataca de Rambo em ‘Shadow Force’ e ainda tem um romance para estrear



Omar Sy é um operativo renegado de um agência armada até os dentes da qual vira desafeto em ‘Shadow Force’

Omar Sy é herói em qualquer latitude

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quarto dos oito filhos da faxineira mauritana Diaratu e do mecânico senegalês Demba, Omar Sy virou uma certeza de bilheterias colossais para a Europa quando “Intocáveis” (2011) fechou sua carreira comercial com 19,5 milhões de ingressos vendidos. Convocado faz pouco para estrelar “Dumas - Diable noir”, o francês de 47 anos vem somando cifras altas para exibidores de todo o planeta filme após filme, brilhando ainda no streaming, vide a série “Lupin”, na Netflix.

Estima-se que até dezembro a plataforma voltará a sorrir à força da mobilização midiática que ele causa, com a estreia de “French Lover”, de Lisa-Nina Rives, no qual ele contracena com Sara Giraudeau numa comédia romântica nos moldes de “Uma Linda Mulher” (1990). Antes disso, aqui no Brasil, seus fãs têm compromisso com ele noutra latitude dramaturgica, a



Netflix

dos filmes de ação, no que periga ser um dos thrillers de mais alta voltagem de 2025: “Shadow Force”. Com direção de Joe Carnahan, esse “Rambo” com toques sentimentais estreia neste fim de semana, sem medo da concorrência (pesada) com “Superman”.

“Todo filme tem um lugar na tela, e, quando se trata de narrativas de gênero, elas ganham espaço quando fazem a nossa cabeça”, disse Omar ao Correio da Manhã, em sua passagem pelo júri oficial do Festival de Cannes, em 2024, quando “Shadow Force” estava no forno.

‘French Lover’ é uma das apostas da França para renovar seu diálogo com o público

O astro fala em inglês, sem disfarçar o sotaque, sob a batuta de Carnahan, diretor que tem cults como “Narc” (2002) em seu currículo. Seu estilo de filmar pancadaria tem requinte plástico fino, vide o esquecido “Esquadrão Classe A” (2010). “Gosto de explorar a inquietação de personagens que experimentam a proximidade da morte a cada dia”, disse Carnahan em entrevista via Zoom ao Correio quando fez um de seus hits, “Mate

ou Morra” (2021), com Frank Grillo, antes da gênese de “Shadow Force”. “A violência do mundo real, injustificável, assusta qualquer um. Diante desse assombro, que os meus filmes buscam é entender a solidão de quem lida com a brutalidade continuamente”.

É esse o caso de Isaac, personagem de Sy, em “Shadow Force”. Ele e Kyrh (Kerry Washington) já foram líderes de um grupo multinacional de forças especiais (cujo nome é o título do longa), mas quebraram as regras dessa organização ao se apaixonarem. Para proteger o filho que tiveram, eles se rebelaram contra a instituição. Com essa rebeldia, uma recompensa foi estipulada pela cabeça do casal, o que garante a Carnahan a chance de rodar sequências em que a adrenalina nos afoga. Esse afogamento, contudo, não tira o oxigênio do debate social.

“Tento sempre estar atento às histórias de opressão, principalmente aquelas que formalizam a agressão sobre os corpos negros a partir de uma farda”, disse Sy ao Correio durante o Festival de Ber-

lim de 2020, quando laçou “Polícia: Turno da Noite” (“Police”, 2020), dirigido pela franco-luxemburguesa Anne Fontaine, que hoje pode ser visto na Prime Video da Amazon, sem ter passado pelas telonas nacionais.

Nele, temos uma crônica tensa sobre a jornada de três policiais (Virginie Efira, Omar Sy e o surpreendente Grégory Gadebois) empenhados em levar um refugiado (Payman Maadi, de “A Separação”) ao Charles De Gaulle, a fim de deportá-lo para a pátria onde ele sofreu toda a sorte de mazelas.

“Estive em outros filmes que também mostram essa obrigatoriedade servil que foi imposta a populações negras. Tento entender a cabeça de pessoas forçadas a lutar por um continente que não é o seu”, disse Sy ao Correio, em meio às filmagens do eletrizante “The Killer”, de John Woo, também na Amazon Prime.

Em 2024, antes de seu trabalho como jurado em Cannes, ele impressionou a crítica com “O Caso Dos Estrangeiros” (“A Stranger’s Case”), de Brandt Andersen. Essa produção da Jordânia é um drama coral que lembra “Babel” (2006), uma vez que o conflito de um segmento afeta o outro. Ganhou o Prêmio da Anistia Internacional da Berlinale pela forma feroz com que expõe a batalha de um grupo de pessoas para escapar da violência na Síria, incluindo uma médica e um soldado filho de um herói local. Um mercenário interpretado magistralmente por Sy cruza o caminho de todos, com seu caráter nada louvável.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Bento Carneiro, o vampiro brasileiro, cria da mente imparável de Chico Anysio (1931-2012), há de ter algum parentesco com o bebedor de sangue do “Drácula”, do romeno Radu Jude, que levará o Brasil, em suas veias, à competição pelo Leopardo de Ouro de 2025, na Suíça, em agosto. Ao divulgar seus concorrentes deste ano, numa seleção de dar orgulho a seus parceiros do G7 dos festivais de prestígio GG da Europa (tipo Berlim, Cannes e Veneza), Locarno incluiu a releitura muito loca que a Romênia faz de seu maior patrimônio folclórico.

Afinal, antes de virar livro, em 1897, nas mãos do dublinense Bram Stoker (1847-1912), Vlad Tepes Dracula (1431-1476), o Empalador, viveu neste mundo e, segundo os livros de História, matou gente a rodo, à frente do Principado da Valáquia, ali ao norte do Baixo Danúbio e ao sul dos Cárpatos Meridionais.

Esperam-se imagens documentais, sátira política, espinhafradas na União Europeia e (talvez) terror dessa nova visão sobre sua lenda, que tem a RT Features, do carioca Rodrigo Teixeira, entre seus produtores. Antes de estar ao lado de Walter Salles na conquista do Oscar dado a “Ainda Estou Aqui”, o produtor, radicado em São Paulo, foi à Berlinale, em fevereiro, apoiar Jude em outro longa-metragem, “Kontinental ‘25”, também produção sua, que saiu da capital alemã com o prêmio de Melhor Roteiro.

Com direção artística comandada por Giona A. Nazzaro, Locarno agendou sua 78ª edição de 6 a 16 de agosto, abrindo sua maratona com “Le Pays D’Aarto”, de Tamara Stepanyan. “Dracula” vai passar por lá numa leva de 17 produções que caçam os Leopardos metálicos do evento, que já



‘Drácula’, a jocosa versão de Radu Jude para o vampirão romeno, concorre ao Leopardo de Ouro na 78ª edição do tradicional festival suíço

Na jugular de Locarno

‘Drácula’, novo filme do badalado realizador romeno Radu Jude, produzido pela RT Features de Rodrigo Teixeira, estreia na disputa pelo Leopardo de Ouro do festival suíço

coroou o cinema brasileiro muitas vezes. Jude esteve lá antes com “Não Espere Muito Do Fim Do Mundo” (“Nu Astepta Prea Mult De La Sfársitul Lumii”), uma comédia que saiu de terras suíças com o Prêmio do Júri e hoje pode ser vista na MUBI. O diretor pas-



Jennifer Lopez recria o papel icônico de Sonia Braga na versão musical de ‘O Beijo da Mulher Aranha’

sa por lá - ou por qualquer outro evento - cheio de moral, amparado no impacto que causou, em meio à pandemia, com “Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental” (“Bad Luck Banging or Loony Porn”), que lhe rendeu o Urso de Ouro em 2021.

“A poesia que pode existir no cinema que eu faço vem do choque entre a ficção e o documentário, numa espécie de retorno aos irmãos Lumière (os inventores da linguagem cinematográfica, inaugurada por eles em 1895). Rodei ‘Kontinental ‘25’ com um

smartphone e me pergunto o que os Lumière filmariam se tivessem um celular”, disse Jude ao Correio da Manhã na Berlinale.

Teixeira estava com ele no festival. “Radu é um diretor que admiro e que tem um trabalho espetacular”, disse o produtor. “O cineasta brasileiro Gustavo Vinagre, a quem eu acabo de produzir, falou muito do Jude pra mim, no Festival de Berlim de 2024. Eu resolvi procurá-lo. Aí ele trouxe essa ideia do ‘Kontinental ‘25’, e isso ao mesmo tempo em que idealizava ‘Dracula’, que vem por aí”.

A trama de “Kontinental ‘25” se passa na região de Cluj, na Transilvânia, a pátria do vampirão de Bram Stoker. Em seu enredo, um sem-teto comete suicídio depois de ser expulso de seu abrigo no porão de uma casa. Orsolya, a oficial de justiça que executou o despejo, é impelida a fazer várias tentativas para lidar com seus sentimentos de culpa pela morte do sujeito. Pelo pouco que se sabe de seu “Drácula”, a trama acompanha o empenho de Vlad para ser grandioso novamente, em sua Romênia natal.

“Godard dizia que assistia a partidas de futebol porque era a única transmissão audiovisual na qual ele poderia ver pessoas trabalhando por 90 minutos sem parar. Ver um jogo é ver trabalho. Gosto de mostrar pessoas ativas em suas rotinas laborais, pois elas revelam nosso dia a dia”, disse Jude ao Correio, num recente Zoom.

Uma das atrações mais esperadas de Locarno este ano é a nova versão (agora musical) de “O Beijo da Mulher Aranha”, o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos do diretor Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Agora, Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa, dirigido por Bill Condon, passa no encerramento do festival, e tem Diego Luna e Tonatiuh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar pela versão de Babenco, interpretando o decorador Molina.

SagaFilm - Nabis Filmgroup

Divulgação

CCBB escreve melodrama com K

Jorge Fuembuena/Divulgação



Hirokazu Kore-eda: 'Eu acabei sendo rotulado como diretor de folhetins porque passei anos tentando pensar as inquietações afetivas pelo prisma familiar, porém, mesmo nesse terreno do melodrama, eu abordo questões sociais'

Divulgação

Divulgação



Divas francesas, Catherine Deneuve e Juliette Binoche levaram Kore-eda a se arriscar fora do Japão em 'A Verdade', de 2019



CCBB revisita 'O Terceiro Assassinato', cult do mestre japonês do melodrama nas ondas do suspense

Ganhador da Palma de Ouro, o artesão japonês Hirokazu Kore-eda ganha retrospectiva no Rio, com destaque para filmes pouco citados como 'A Verdade' e 'O Terceiro Assassinato'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Inédito em circuito brasileiro apesar de ter aberto o Festival de Veneza em 2019, "A Verdade" ("La Verité") passou por aqui só na TV (na antiga HBO) e flanou pelo streaming, da MAX para a Diamond Films+, onde pode ser visto hoje, mas não numa telona, daquelas apuradas, de tamanho GG, tipo a que o Centro Cultural Banco do Brasil vai emprestar a essa joia, numa mostra dedicada a seu realizador, Hirokazu Kore-eda. No próximo dia 27, às 18h30, o CCBB-RJ confere a lavagem de roupa suja entre mãe (Catherine Deneuve) e filha (Juliette Binoche) conduzida por esse artesão do melodrama, que deu ao Japão a Palma de Ouro de 2018, com "Assunto de Família".

A projeção é um dos pontos imperdíveis da retrospectiva do realizador. De 16 de julho a 8 de agosto, será apresentada uma seleção de 29 produções, com curadoria de Raquel Gandra, que inclui desde os primeiros trabalhos de Kore-eda para a TV, lá nos anos 1990, até seus longas mais recentes, além de lançar aqui um curta-metragem, "Última Cena", realizado este ano, via celular. Tem folhetim aos baldes nesse menu, mas tem também um suspense de tribunal, "O Terceiro Assassinato" ("Sandome no Satsujin", de 2017), que passa no dia 24, às 18h30. Ave rara numa filmografia de excelências, ele é uma chave para

se decifrar uma estética que se debruça sobre o inaudito, o engasgo.

Indicado ao Leão de Ouro de Veneza, essa produção foi considerada um óvni na tradição de linha melodramática desse cineasta nascido em Nerima, noroeste de Tóquio, há 63 anos. Acostumado a falar de abandonos, desapegos e conexões afetivas seja pelo sangue, seja pela criação, Kore-eda (chamado de Koreeda em alguns eventos e bancos de dados) investe no medo e na tensão nesse estudo sobre embates judiciais.

"Esse filme surgiu a partir de uma conversa com um amigo advogado que me contou o quão difícil é lidar com a ideia de 'verdade' nas cortes japonesas: muitos crimes, por lá, não são decididos por culpa ou inocência, mas por conveniência. Os conflitos de inte-

em 2013) lotaram salas no circuito nacional de arte. "O Terceiro Assassinato" também mobilizou uma horda de pagantes aqui. Seu protagonista é o advogado Shigemori (Masaharu Fukuyama), um jurista de talento duvidoso que se deixa reger pela curiosidade ao defender Musumi (Koji Yakusho). O suposto criminoso tem um histórico carcerário violento, tendo sido condenado duas vezes. O delito de número três em seu histórico de crimes está cercado de uma certa inconstância, de mistério. Há uma conexão direta com o arrependimento, tema recorrente da estética intimista de Kore-eda.

"Meus filmes, todos eles, são focados na condição humana, e este não é diferente", diz Kore-eda. "Eu acabei sendo rotulado como diretor de folhetins porque passei anos tentando pensar as inquietações afetivas pelo prisma familiar, porém, mesmo nesse terreno do melodrama, eu abordo questões sociais. A abordagem do Direito em 'O terceiro assassinato' passa por um olhar sociológico. Foi assim que eu aprendi a fazer cinema: rodando documentários para a TV acerca de dilemas cotidianos de nossa sociedade. O que há de novo aqui é um design de dramaturgia diferenciado, mas no tempo, no tempo do suspense".

A partir de 1995, quando estreou na ficção com "Maborosi - A Luz da Ilusão", Kore-eda dirigiu uma leva de longas pautados pela invenção, e fez mais um punhado de documentários e telefilmes. Poucos diretores são mais prolíficos de que ele, que já foi comparado a um dos mais festejados cineastas de seu país, Yasujiro Ozu (1903-1963), de "Dia de Outono" (1960). Apesar da comparação honrá-lo, ele diz ter outras referências entre diretores autorais: de um lado, o inglês Ken Loach (de "Eu, Daniel Blake"), do outro, o conterrâneo Mikio Naruse ("Correnteza"), ambos cronistas da luta de classes.

"A influência mais ativa em mim eram os filmes com as atrizes Ingrid Bergman, Joan Fontaine e Vivien Leigh de que minha mãe gostava", disse Kore-eda ao Correio, em Cannes, ao ser laureado com o Prêmio de Melhor Roteiro por "Monstro", em 2023. "Vi a maioria deles na TV, porque não tínhamos dinheiro para pagar ingressos. Hoje, meus pais já se foram. Eu cultivo as lições sobre as lacunas que ausência de pessoas amadas deixam em nós".

resse regem as nossas leis", disse Kore-eda ao Correio da Manhã em meio à projeção de "O Terceiro Assassinato" no Festival de San Sebastián, na Espanha, onde o longa-metragem foi ovacionado. "Pensei num enredo onde alguém decidisse usar a corte para fazer valer a veracidade dos fatos e não as convenções sociais ou morais do meu país. Existem questões de classe e existem questões da Justiça".

No Brasil, Kore-eda já é de casa e a maratona estruturada por Gandra é prova disso. Freguês da Mostra de São Paulo, onde já visitou com pompas de convidado de gala, em 2007, ele já confessou o interesse em fazer um filme sobre a colonização japonesa no Brasil, no interior paulista e no Paraná. Dramalhões dele como "Ninguém Pode Saber" (2004) e "Pais E Filhos" (Prêmio do Júri em Cannes

CRÍTICA / LIVROS

Nas vozes delas

Fotos/Divulgação

Por **Olga de Mello**

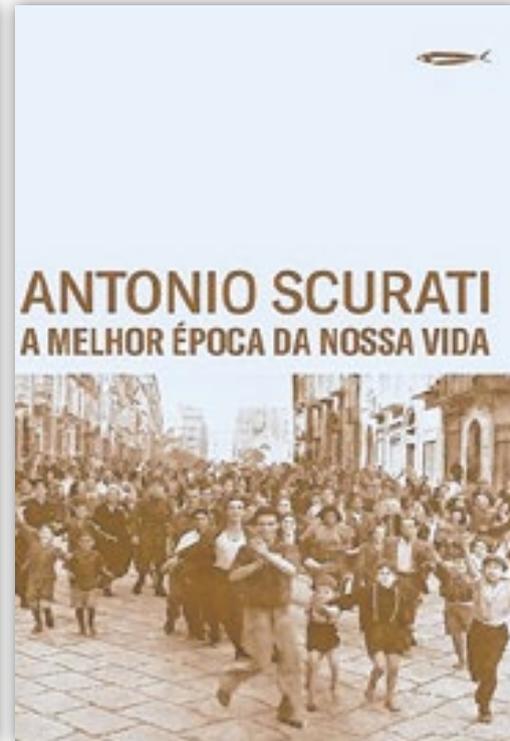
Especial para o Correio da Manhã

O leitor, por vezes, procura na ficção ecos da realidade que cerca os autores. Aparentemente, não há qualquer indicação de que Alba de Céspedes tenha se inspirado na história real de Leone e Natalia Ginzburg para compor “Na voz dela” (Companhia das Letras, R\$ 99), um marco da literatura feminista italiana, lançado em 1952.

A protagonista, Alessandra, cujos anseios por uma vida significativa parecem mais ligados a um intenso romantismo do que à necessidade de ter uma profissão ou ocupação relevante social e pessoalmente, casa-se com um intelectual dedicado à luta antifascista – militância abraçada pelo jovem Ginzburg, que, em 1934, recusou-se a jurar fidelidade ao regime fascista, como outros treze professores de universidades estatais italianas. Centenas de professores fizeram o juramento.

No Brasil, Leone Ginzburg se resume a uma nota na biografia de Natalia, escritora que manteve o nome do marido, morto aos 35 anos, sob tortura na prisão. Também pode ser lembrado como pai do historiador Carlo e avô da também romancista Lisa. Natalia conheceu uma glória maior do que Leone, celebrada por histórias que transcendem as questões femininas de sua geração, tratando das transformações da Itália – e da humanidade – no pós-guerra.

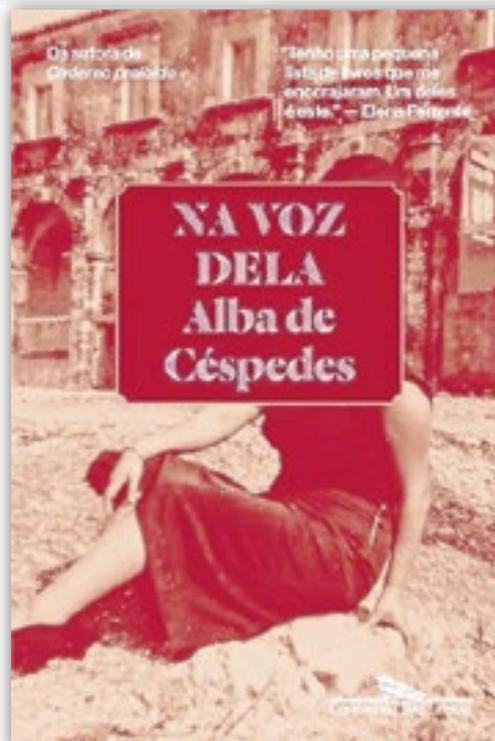
A trajetória de Leone é relatada por Antonio Scurati em “A melhor época da nossa vida”



(Mundaréu, R\$ 78,90), no qual conta também a dificuldade de sobrevivência das famílias de seus avós durante o fascismo. O título vem da expressão de Natalia para se referir ao período em que viveu com Leone e os filhos no interior da Itália, em semiclandestinidade.

O casal de “Na voz dela” não tem filhos, dedica-se com ardor a combater o fascismo. A paixão move Alessandra, como a tantas mulheres que vivem casamentos sem amor, o que só conhecem através de casos extraconjugais vespertinos e constantes. Os homens

são provedores medíocres das famílias empobrecidas por uma recessão que aumenta com o início



da guerra. Depois que a mãe se suicida, incapaz de abandonar o marido e a filha pelo amante. Alessandra quer estudar, distanciar-se do tradicional destino de servidão doméstica. O intelectual Francesco surge como seu salvador romântico, porém, a devoção à política é maior do que ao casamento. Depois da prisão do marido, ela também se engaja na causa.

A rotina de violência contra as donas de casa na primeira metade do século XX é tratada superficialmente por Céspedes, cuja vivência, como filha de um embaixador, seria totalmente diferente de suas personagens. Ainda assim, ela descreve perfeitamente o patriarcalismo

inerente aos homens, entre eles os mais libertários, como Francesco. É a Francesca que cabe cuidar da casa, enquanto estuda ou arranja um emprego para contribuir com a parca renda familiar. A opressão se impõe acima de maus tratos físicos. Os maridos provedores são desprezados por suas mulheres e filhos, porém têm direito inalienável a roupas limpas, refeições em horários pré-determinados e descanso ininterrupto quando entram em casa. A ausência de perspectiva existencial para a maioria dessas mulheres, ainda que pobres e dedicadas à faina doméstica, se canaliza para amores impossíveis, estimulados pela literatura e toda cultura relacionada ao feminino.

Com uma fulgurante carreira de escritora, editora e intelectual, Alba de Céspedes percorreu sobre a opressão feminina em outras obras, incluindo o belo “Caderno proibido” (Companhia das Letras, R\$ 59), cuja protagonista também precisa trabalhar em escritório para ajudar no sustento da família, sem descuidar das tarefas domésticas. Em seu diário, observa os caminhos escolhidos pelos filhos, a vida monótona ao lado do marido, a possibilidade de um envolvimento adúltero com o chefe. A solidão é a principal companhia das mulheres de Céspedes, amargas como as donas de casa que durante as guerras desempenham – e vislumbram outra existência – as funções habitualmente cumpridas pelos homens, para, depois do fim dos conflitos, retomarem rotinas entediadas como rainhas do lar.

Vem
viver
mais.

vem
viver
© SESC RJ

A maior marca de bem-estar social do Rio de Janeiro.

Sempre buscando promover o desenvolvimento social e a qualidade de vida, o Sesc RJ oferece atividades e serviços para você viver experiências inesquecíveis com mais diversão, cultura, esporte, cidadania, educação e saúde.

+experiências
+cidadania
+diversão
+cultura
+educação
+saúde
+sabor
+inclusão
+diversidade

VEM SABER +



sescrj.org.br

sescrj

portalsescrj

sescrj



Divulgação



Dark Coffee

Divulgação



Dianna Bakery

Divulgação



Café Cultura

O abraço mais doce do inverno

Veja um roteiro de chocolate quente para aquecer o corpo e a alma

Por **Natasha Sobrinho**
(@restaurants_to_love)
Especial para o Correio da Manhã

Quando o frio dá as caras, não há quem resista a uma boa xícara de chocolate quente. Símbolo do conforto e do aconchego, a bebida se reinventa a cada inverno: ganha textura mais cremosa, barras de chocolate para garantir maior doçura, e até versões com marshmallows e merengue. Perfeito para acompanhar um fim de tarde preguiçoso, reuniões com amigos ou como mimo em cafés e confeitarias, o chocolate quente é a pedida certa para transformar o inverno em uma estação ainda mais deliciosa. Pensando nisso, o Correio da Manhã listou seis opções irresistíveis para você escolher a sua preferida. Confira abaixo:

CAFÉ CULTURA – Na cafeteria o chocolate quente é servido cremoso e com calda de chocolate (R\$ 18). Av. Nossa Sra. de Copacabana, 457 – Copacabana. Tel: (21) 97524-6398.

CARDIN – Na cafeteria, o chocolate quente é feito com leite vaporizado e chocolate em pó 32% e coberto com chuva de chocolate em pó 32% (130ml - R\$ 12 e

The Brid Love Stories/Divulgação



Gato Café

240ml - R\$ 16) e ainda tem opção com leite vegetal (acréscimo de R\$ 4). Rua Constante Ramos, 44 – Copacabana. Delivery: (21) 96703-5262.

DARKCOFFEE – Na cafeteria com unidades no Centro e na Tijuca, é possível encontrar no cardápio uma opção de chocolate quente especial, o Submarino (R\$ 20 – 180 ml). Ele é feito com leite vaporizado com uma barra de chocolate ao leite. Rua São Bento, 29 – Centro. Tel: (21) 2516-0370.

DIANNA BAKERY – A confeitaria oferece duas opções da bebida em seu cardápio: o Chocolate Quente NY Style (R\$ 22) com cobertura de merengue e o Chocolate Quente (R\$ 18) com blend de chocolates da Dianna. Rua Dona Delfina, 14 – Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

GATO CAFÉ – Entre as bebidas quentinhas do novo menu, estão diferentes versões de chocolate quente como: o Chocomew Quente (R\$ 18), feito com raspas de chocolate, o Choconip (R\$ 19,90), chocolate quente feito com chocolate em barra e um toque de menta e o Pink Chocomew (R\$ 16,90), inspirado na decoração cor de rosa do Gato Café, chocolate quentinho com sabor de morango e marshmallows. Nossa Senhora de Copacabana, 400. Tel: (21) 99068-3036.

LE DÉPANNEUR – No espaço gastronômico é possível encontrar no cardápio o chocolate quente feito com uma barra de chocolate meio amargo derretida no leite (200 ml R\$ 15,90). Av. Afrânio de Melo, 290 - Leblon. Tel: (21) 2245-6547.

Divulgação



Cardin

Divulgação



Le Dépanneur

Das telas às páginas

Jornalista Júlio Mosquéra lança romance que aborda o comportamento humano

Por Mayariane Castro

Conhecido nas telas de televisão, como veterano repórter político, o jornalista Julio Mosquéra lançará no próximo dia 5 de agosto, em Brasília, seu novo livro de ficção, “Biografia de um Homem Ordinário”. A obra, escrita há duas décadas, aborda reflexões sobre comportamento humano, moralidade, ambição e os limites éticos nas escolhas individuais. O autor, que já publicou o romance “Associação dos Deserdados”, retoma a literatura

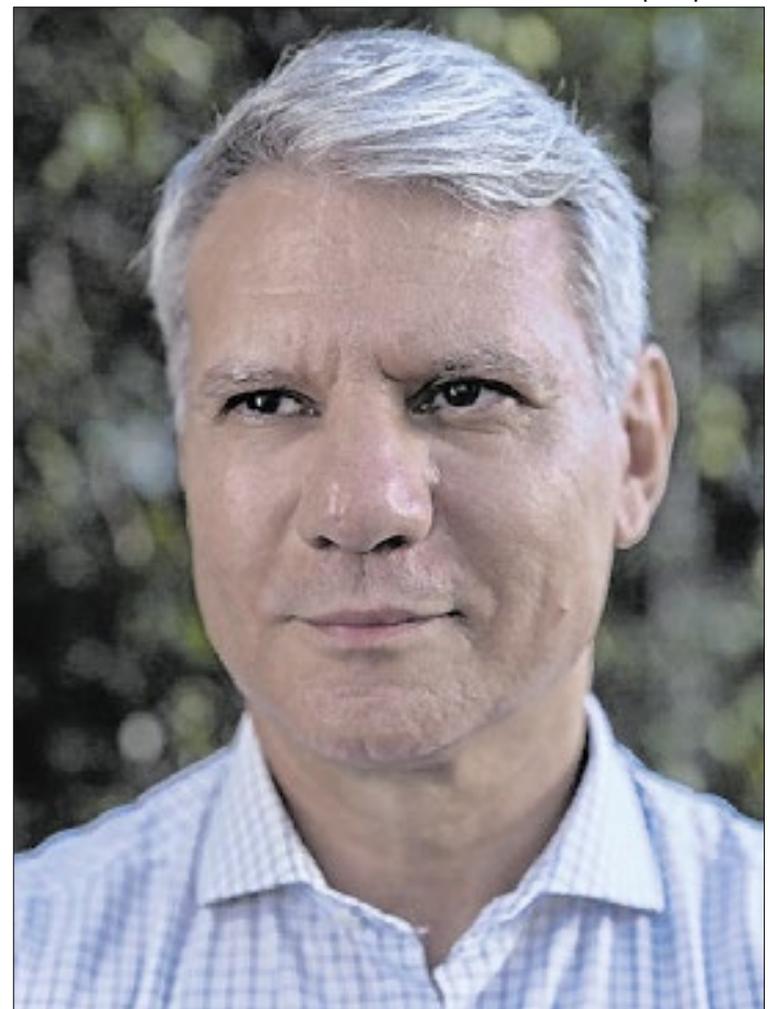
após um longo período de dedicação exclusiva ao jornalismo.

Segundo Mosquéra, o livro ficou finalizado por muitos anos antes da decisão de publicá-lo. O manuscrito permaneceu arquivado por cerca de 20 anos, até que o autor, ao relê-lo recentemente, considerou que o conteúdo ainda se mantinha atual. Sem alterar o texto original, Mosquéra iniciou as tratativas com o editor Tagore Alemão, responsável pela publicação.

O livro parte de uma indagação sobre o que impulsiona o

comportamento humano diante da ambição e das estruturas sociais que definem o que é moralmente aceitável.

Entre os elementos que influenciaram a criação da narrativa está a obra “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski. A partir da reflexão do personagem Raskolnikov, que comete um assassinato, o autor propõe discutir o que motiva ações humanas quando não há julgamento externo nem interno, caso do personagem do romance de Dostoiévski.



Julio Mosquéra lança seu segundo livro de ficção

Homem ordinário e extraordinário

Livro discute o que distingue homens comuns e especiais

Além disso, o romance investiga os conceitos de “homem extraordinário” e “homem ordinário”, problematizando tanto a exaltação de indivíduos com habilidades acima da média quanto a marginalização de comportamentos comuns. O termo “ordinário” é explorado em seus dois sentidos: o de alguém comum e o de alguém canalha.

O processo de escrita, segundo Mosquéra, não foi marcado por bloqueios criativos significativos. Embora não se lembre exatamente do tempo que levou para concluir a obra, ele afirma que a experiência foi fluida. O autor também revela que não modificou o texto original para a publicação, pois considera que o enredo continua pertinente, especialmente diante de temas discutidos nas redes sociais. O início da história, descrito na primeira página



Reprodução

Detalhe da capa do romance de Mosquéra

do livro, é destacado por ele como o ponto mais marcante da narrativa. Para o autor, foi nesse momento inicial, com o encontro entre dois personagens centrais, que surgiu a motivação para desenvolver a trama completa.

O lançamento será realizado em Brasília, cidade onde Mosquéra reside e atua profissionalmente. A data está marcada para o dia 5 de agosto, e o evento contará com a presença do autor. Ainda não há detalhes sobre o local e a programação do lançamento.

Livro infantil

Sobre novos projetos, Mosquéra afirma que ainda não iniciou um novo romance, mas já finalizou um livro infantil. A obra, com temática ambiental, nasceu a partir de uma conversa com sua filha mais velha e deve ser publicada em breve. O livro infantil também se passa em Brasília, o que re-

força a relação do autor com o Distrito Federal.

Julio Mosquéra tem trajetória consolidada no jornalismo e retorna à ficção com um livro que se propõe a explorar dilemas morais sem oferecer julgamentos definitivos. A narrativa se concentra nos conflitos internos dos personagens e em como eles lidam com questões de certo e errado, poder, status e comportamento social.

Seu primeiro livro, “Associação dos Deserdados”, também abordava questões sociais e foi publicado antes de sua decisão de se dedicar exclusivamente ao jornalismo. Com este novo lançamento, Mosquéra retoma sua produção literária e promete continuar contribuindo para o debate sobre temas contemporâneos por meio da ficção.

A editora responsável pela publicação é independente, com foco em autores brasileiros.

FESTIVAL

Festival Convergências

*O Festival Convergências, realizado pelo Instituto Francês, Festival Latinidades e Mawê (do CoMA), marca a abertura oficial das Temporadas França-Brasil. De 18 a 21 de agosto, o evento trará programação diversa, com destaque para o show de Angélique Kidjo, premiada cantora beninense e referência mundial na valorização das culturas africanas. A apresentação será no dia 21, às 20h, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (DF), com entrada gratuita. Público estimado: 10 mil pessoas. Mais em: www.convergencias.com.br.

Festival CoMA

*De 16 a 24 de agosto, o CCBB Brasília recebe o Festival CoMA, com mais de 30 atrações, como Paulinho da Viola, Sandra Sá & Sarau Secreto, Nação Zumbi, Metá Metá e Yago Oproprio. A programação inclui shows, DJs, talks e o CoMA em Família (dias 16 e 17, com entrada gratuita). Em parceria com o Convergências, o festival também traz a premiada Angélique Kidjo (21/08), além de Aluminé, Ronisia e Songe. Ingressos: pré-venda em 29/07 e público geral em 01/08. Mais informações em breve.

Festival BRING

*Nos dias 18 e 19 de julho, o Sesc 504 Sul recebe o Festival BRING, com mostra de cerca de 15 jogos independentes criados no DF. O evento valoriza a inovação, liberdade criativa e experimentação artística. Além da mostra, haverá competição com premiação em sete categorias. A entrada é gratuita, com sugestão de 1kg de alimento. A programação inclui ainda bate-papo com desenvolvedores e ações do Instituto No Setor. O BRING fortalece o ecossistema de games do Cerrado.

CINEMA

Especial Charles Chaplin

*De 12 de julho a 3 de agosto, o CCBB Brasília recebe a mostra Chaplin, uma retrospectiva completa da obra de Charles Chaplin, com cerca de 80 filmes, curso gratuito e debate com especialistas. Ícone do cinema mundial, Chaplin será celebrado com exhibições em película, sessões inclusivas e programação educativa. Clássicos como Tempos Modernos e O Grande Ditador fazem parte



Festival Convergências, em Brasília, anuncia show de Angélique Kidjo

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Reprodução



CoMA: Festival acontecerá no CCBB

da seleção. Ingressos a partir de R\$ 10. Sessões ao ar livre nos dias 12 e 13/07 são gratuitas.

PROJETO

Arte Drag em revista

*A drag queen, performer e DJ Carrie Myers lança a publicação Editorial Myers, inspirada na maquiagem artística no cinema. Com 52 páginas, a revista traz ensaios com artistas do DF que reinterpretam personagens icônicas como Madame Satã. A edição tem distribuição gratuita no Distrito Drag. A obra celebra o poder da maquiagem e da arte transformista e foi realizada com apoio do FAC-DF. Participam nomes como Ayobambi, Naomi Leakes e fotógrafos como Victor Diniz.

Divulgação



CCBB apresenta retrospectiva do ícone do cinema
Daniel Chiacos



Idealizada por Paulo Gustavo, peça ganha vida
Divulgação



Drag queens em projeto local

Feira de Brechós

*A moda sustentável e a criatividade periférica tomam conta da Ceilândia no dia 12/7 com o Remoda – Festival de Moda Circular. A feira, com mais de 60 expositores e peças a partir de R\$ 5, ocorre das 11h às 18h na Praça da Estação do Metrô. Criado por Rafaela Fernandes, o evento promove consumo consciente, desfiles autorais, concurso estudantil, oficinas e shows. A programação é gratuita e conta com apoio do FAC-DF. Moda, arte e sustentabilidade se unem em um espaço público e acessível.

Frequências Urbanas

*Neste sábado (12), a CAIXA Cultural Brasília recebe a oficina com o artista Mão, parte da exposição Frequências

Mateus Falção



Espaço Cultural Renato Russo Recebe a exposição
Divulgação



2ª Mostra Dança Ceilândia entra em cartaz

Urbanas, em cartaz até 20/7. Gratuita, com 30 vagas, a atividade acontece das 10h às 12h e propõe a criação de um mural coletivo. Já no dia 19, às 16h, haverá visita guiada com o curador Luiz Prado. A mostra reúne artistas do Brasil e do mundo e celebra os 65 anos de Brasília.

TEATRO

Comédia satírica

*Com texto de Julia Spadaccini e direção de Gilberto Gawronski, o espetáculo Matilde estreia dia 17 de julho no CCBB Brasília. Com Malu Valle e Ivan Mendes, a peça celebra os 35 anos de carreira da atriz e homenageia Paulo Gustavo. A comédia satírica trata, com humor e sensibilidade, de temas como enve-

lhecimento, relações intergeracionais e sexualidade na terceira idade. Temporada até 10 de agosto. Ingressos a partir de R\$ 15.

Teatro inclusivo

*O espetáculo Equalliz – Um eco de integridade promoveu uma imersão tátil e auditiva para deficientes visuais, com apoio do FAC-DF. Participantes puderam tocar figurinos, ouvir audiodescrições e interagir com instrumentos musicais. A ação do Coletivo CeinCena reforça a inclusão no teatro brasileiro. Em agosto e setembro, a peça terá sessões gratuitas para alunos da rede pública.

MOSTRA

2ª Mostra Dança Ceilândia

*A 2ª Mostra Dança Ceilândia acontece dias 12 e 13 de julho, a partir das 13h, no Sesc Newton Rossi, com entrada gratuita. Realizada com apoio do FAC-DF, a mostra reúne 15 grupos da região em dois dias de espetáculos abertos ao público. Cada companhia recebe R\$ 2 mil. O projeto valoriza artistas locais e promove o acesso à cultura. Info: @mostradancaceilandia.

EXPOSIÇÃO

Monumento Aleijado

*O Festival Trilha da Inclusão 2025 começou ontem, em 10 de julho com a exposição "Monumento Aleijado", de Céu Vasconcelos, no Espaço Cultural Renato Russo. A mostra usa fotografia, escultura e performance para discutir o corpo com deficiência. O festival segue em agosto com teatro, dança, cinema, feira e espaço sensorial, promovendo arte inclusiva e protagonismo de artistas com deficiência. Entrada gratuita e acessível.

Exposição sensorial

*A exposição "Escuto o Gosto das Cores com os Olhos", de Luisa Günther, fica no Venâncio Cultural (Venâncio Shopping) de hoje, 11/7 a 9 de agosto de 2025. Com curadoria de Raquel Nava, reúne obras desde 2003, convidando a uma imersão sensorial onde desenho e pintura se misturam. Luisa propõe a "desenhura", unindo imagem, imaginação, realidade e abstração. Visitação gratuita, de seg. a sáb., 12h às 19h. Abertura dia 11, às 17h. Classificação livre.

ENTREVISTA / ADORA BLACK

Quem não Adora Black?

George Lucas / Acervo Pessoal

Por Reynaldo Rodrigues

Vivendo a cerca de 32 km de Brasília, na Cidade Ocidental (GO), o artista Eduardo Fernandes de Araújo, de 26 anos, vai representar a Capital Federal no reality show de sucesso mundial Drag Race. Embora sua rotina se concentre no Entorno, é no Distrito Federal que o criador de looks e maquiagens deslumbrantes dá vida à drag queen Adora Black.

Conhecida há algum tempo na cena drag do DF, Adora foi eleita, em 2024, como Drag Revelação pelo Prêmio Jorge Lafond de Arte e Cultura. No mesmo ano, foi destaque de janeiro no Calendrag, projeto do coletivo Distrito Drag que seleciona artistas transformistas para estampar um calendário, cuja renda é revertida em ações culturais promovidas pela entidade.



A artista já é bastante conhecida da cena drag pela criatividade e looks autorais

Um salto alto

No último mês, foram reveladas as participantes da segunda temporada do Drag Race Brasil, competição que reúne artistas de diferentes estados em busca da coroa e de um prêmio estimado em R\$ 150 mil. Entre nomes já conhecidos do público, como Desireé Back e Ruby Rox, Adora Black se destacou e foi uma das mais comentadas na rede social X.

Com gravações realizadas em Lisboa, Portugal, o programa volta a ser apresentado por Grag Queen, cantora e apresentadora que compartilhou nas redes sociais algumas das novidades da nova werkroom — espaço onde as competidoras se preparam. A nova temporada estreou ontem, 10 de julho, e terá episódios semanais na plataforma WOW Presents Plus.

Em entrevista ao Correio da Manhã, Adora conta que é ela

mesma quem cria todos os seus looks, cuidando de cada ponto de costura, aplicação de pedrarias e penas, encantando quem vê seu trabalho de perto.

“O meu fascínio por moda, design, looks vem de antes, e quando comecei a fazer drag sabia que a melhor forma de tirar as ideias da minha mente seria se eu mesma as executasse. Foi quando comprei minha máquina e comecei a costurar, mesmo sem nunca ter pego em uma antes. A moda em si já é muito intuitiva, e tudo se resume no bom gosto e personalidade que você dá para as peças”, destacou.

Embora a cultura drag tenha ganhado mais espaço na noite brasiliense, Adora acredita que ainda há um longo caminho a percorrer. Reconhecida também em São Paulo, ela ressalta a importância do empoderamento e da representatividade como uma queen negra.

“Eu vejo Drag Race como uma vitrine para a arte, então apoiar a temporada é manter a porta aberta para outras artistas”

Adora Black

“É muito importante, porque mesmo hoje em dia o racismo continua enraizado na nossa cultura. O peso sempre é diferente para queens negras, e muitas acabam tentando se moldar. Então afirmar que temos orgulho de quem somos mostra que, apesar de todo o ‘corre’ e das oportunidades desiguais,

ser preto é o que a gente tem de mais valioso — e, no fim, a gente sempre acaba inspirando outras pessoas pretas a não desistirem também”, disse.

Durante a pandemia de Covid-19, muitos espaços de apresentação para artistas fecharam as portas, o que afetou diretamente o trabalho de diversas drags — Adora incluída. Para ela, o apoio do público, tanto presencialmente quanto nas redes sociais, foi essencial para seguir em frente.

“Acredito que ainda temos poucos espaços hoje em dia, mas o que falta é uma melhor valorização do esforço que é para uma drag estar no palco servindo um show. Também precisamos do apoio do público — as pessoas precisam consumir e apoiar a arte. Quanto mais se consome a arte drag, mais ela se espalha. Projetos voltados para essa arte também ajudam bastante, e é

muito do que o Distrito Drag faz, por exemplo, sempre criando ações para espalhar cultura.”

Reconhecimento da carreira

Se montando há apenas dois anos, Adora Black foi apontada em 2024 como uma das promessas da arte drag pelo Prêmio Jorge Lafond — iniciativa que homenageia anualmente pessoas e organizações que se destacam na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+.

“Conquistar esses prêmios com tão pouco tempo de drag me fez começar a acreditar mais no meu potencial e perceber que as ideias loucas que passeiam na minha cabeça fazem sentido quando bem aplicadas — o que, em um cenário de competição, é muito bom”, pontua.

Ao ser questionada sobre o impacto de participar de um reality de prestígio como o Drag Race Brasil, Adora reforça que o processo de conquista de respeito, visibilidade e oportunidades é coletivo.

“Eu vejo Drag Race exatamente como uma vitrine para a arte drag, com alcance nacional e até mundial. Então apoiar a temporada é manter a porta aberta para que outras possam chegar lá também. E quanto mais de nós vencerem, ganharem prestígio, forem respeitadas, alcançarem lugares novos, mais se fortalece a cena artística LGBTQIAPN+ como um todo”, finalizou.

Para lembrar...

Na próxima quarta-feira (16) é celebrado o Dia Internacional das Drag Queens, data que valoriza essa arte cênica, associada às lutas da comunidade e que desafia os padrões estabelecidos pela sociedade, promovendo a liberdade, sem ligação direta com gênero ou sexualidade.

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 11 a domingo, 13 de Julho de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.807

Conheça a Drag do DF que estará em Drag Race Brasil

PÁGINA 16



Angeliqe Kidjo se apresenta em Brasília em agosto

PÁGINAS 8 E 9



Júlio Mosquera apresenta obra de ficção intrigante

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



MARINA SENA



BIQUINI



JOÃO GOMES



ALCEU VALENÇA



PARALAMAS



GLÓRIA GROOVE



ZÉ RAMALHO



DUDA BEAT



CPM22

NOITES QUENTES DE MÚSICA NA MARINA

Começa neste fim de semana a primeira parte do Enel Festival de Inverno Rio

Por Affonso Nunes

O Enel Festival de Inverno Rio celebra sua oitava edição com uma programação que promete marcar a história do evento. Pela primeira vez, nomes como Caetano Veloso, Paulinho da Viola, Zé Ramalho, Gloria Groove e João Gomes integram o line-up do festival, que acontecerá nos dias 11, 12 e 13 de julho e 1, 2 e 3 de agosto na Marina da Glória. A novidade desta

edição é justamente a ampliação do calendário, que agora se estende por dois períodos distintos, oferecendo mais opções para o público carioca e turistas que visitam a cidade durante o inverno.

Neste primeiro fim de semana, a programação reúne Gloria Groove, Duda Beat e Marina Sena (sexta, 11); João Gomes, Alceu Valença e Zé Ramalho sábado, 12); e Biquini, CPM22, Charlie Brown Jr e Paralamas do Sucesso (domingo, 13).

“Será uma edição histórica do festival tanto para os cariocas quanto para os turistas, que agora terão a opção de curtir o evento em julho e também em agosto. Nosso line-up tem como característica a diversidade e terá grandes estreias como as de Caetano Veloso, Paulinho da Viola, João Gomes, Gloria Groove, entre outros nomes incríveis da nossa música”, afirma Peck Mecnas, diretor da PECK e idealizador do festival.

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO 2025
Marina da Glória
(Av. Infante Dom Henrique, s/nº)
De 11 a 13/7, a partir das 19h
Ingressos a partir de R\$ 160 (pista) e R\$ 320 (lounge)